

# **“TESTE DE REALIDADE” E LIMITES DO RELATIVISMO: O CASO DO PROGRAMA ALIMENTAR MULTIMISTURA\***

*Ivan da Costa Marques\*\**

## **RESUMO**

Este artigo descreve um quadro analítico das relações entre ciência e poder até o ano de 2008 a respeito do programa alimentar Multimistura, em prática no Brasil desde os anos 1970. Eu apresento três ontologias, histórias ou versões de realidade. Em cada uma as relações entre os conhecimentos científicos sobre a nutrição (institucionalizados nos laboratórios acadêmicos e no Conselho Federal de Nutricionistas) e o programa Multimistura são transformados. Estabeleço uma hierarquia entre as três versões de realidade no que diz respeito às suas capacidades dialógicas. A primeira é a versão de realidade determinada pela análise bioquímica dos componentes da Multimistura. A segunda é a versão de realidade de uma mistura estabilizada de ciência e cultura, natureza e sociedade, técnica e política; é um tipo de versão de realidade posta em cena por numerosos estudos no campo CTS (Ciência-Tecnologia-Sociedade). A terceira é a versão de realidade de uma história antropológicamente esclarecida que escape da prisão delimitada pelo “teste de realidade” dominante na cultura ocidental.

PALAVRAS CHAVE: CIÊNCIA E PODER, TESTE DE REALIDADE, QUADROS DE REFERÊNCIA, PRISÕES RACIONAIS.

\* Agradeço a Lucimeri Ricas Dias o compartilhamento do material de pesquisa para sua dissertação de mestrado (Dias, 2010). Agradeço também a três pareceristas anônimos por seus generosos comentários e sugestões.

\*\* Professor Associado do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Correo electrónico: <imarques@ufrj.br>.

## INTRODUÇÃO

Utilizo as ontologias dos seres ou entidades que os atores colocam no mundo nos “domínios de doença e saúde, corpo, espírito e alma” para analisar uma correspondência explicativa entre histórias ou versões de realidade postas em cena por distintos atores a propósito do surgimento de um produto utilizado como alimento e denominado “multimistura” em um programa alimentar presente no Brasil desde a década de 1970.

Considero que cada uma dessas versões de realidade configura e torna real a entidade múltipla multimistura. Entretanto as três histórias que apresento não são três interpretações da história da multimistura, de uma história verdadeira que seria tomada como referência para as outras. Em oposição, eu levo a sério o desempenho ontológico de cada história que mobiliza diferentemente os diferentes coletivos de pessoas (profissionais, voluntários, pais e crianças), de coisas (comida, instrumentos, banheiros, panelas) e narrativas (teorias, anedotas, mitos). Assim, cada história empreende a ontologia de seres ou entidades que ela coloca no mundo. Essas três histórias não são as histórias da “mesma” multimistura.<sup>[1]</sup>

Este ensaio, composto por cinco partes além desta introdução, versa sobre as relações entre o saber científico e a multimistura, um programa alimentar presente no Brasil desde a década de 1970. Na primeira parte, “Inscrições historiográficas”, destaco uma série cronológica de “fatos”, ou seja, enunciados ou proposições que estão mais ou menos estabilizadas, mesmo que às vezes possam ser contestadas. Nas três partes seguintes introduzo novos elementos de modo a colocar em cena três histórias da multimistura.

A “Primeira história” seria a história da Multimistura tal como é vista pelos nutricionistas. Cientistas nutricionistas acadêmicos analisam a composição da multimistura e concluem, embora com diferenças secundárias, que a multimistura não pode ter os efeitos com que é anunciada. Esta conclusão é um fato científico. A multimistura não passa no “teste de realidade”, e sua capacidade nutricional não é “fato”, é “ficção”. Uma história sem alma, nos limites do corpo biológico.

A “Segunda história” seria a história da multimistura misturando ciência e cultura, natureza e sociedade, técnica, política e economia. É um tipo de história hoje bastante encontrado no campo STS (*Science and*

[1] Nos termos de John Law, a multimistura é um objeto fraccionário (*fractional object*). A multimistura “é mais do que uma e menos do que muitas” (Law, 2004: 62).

*Technology Studies*). Nela os elementos justapostos se complexificam muito. Na “Segunda História” o que se estabiliza como fato não pode mais ser entendido com consequência do que se passa em laboratórios fechados, isolados do mundo e dos múltiplos interesses, sobre os quais a economia, a sociologia e a ciência política fazem proposições e lançam hipóteses. A multimistura, agora transformada pela consideração de seus efeitos mais complexos, pode passar no “teste de realidade”, mas a realidade da segunda história é definida pela “metafísica euro-americana moderna” (Law, 2004).

Para se desvencilhar dessa segunda história que encaixilha Smith, Marx, Weber, Durkheim e Freud, uma história com corpo e alma aderente à “metafísica euro-americana”, é preciso recorrer à antropologia e vivenciar um descentramento a que Jacques Derrida se referiu como “um momento em que a cultura européia – e por consequência a história da metafísica e de seus conceitos – fosse deslocada [...] e forçada a deixar de se considerar como a cultura de referência” (Derrida, 1978: 282).

A “Terceira história” seria uma história antropológicamente informada que escaparia da prisão delimitada pelo “teste de realidade” dominante no Ocidente, indo além dos limites de simetria e de relativismo postos em cena pela metafísica euro-americana. A terceira história oferece uma linha de fuga que leva a entidade múltipla Multimistura (que configura e é configurada por múltiplas realidades coexistentes) a outros domínios de conhecimento sobre doença e saúde, corpo, mente e alma. Uma história com corpo, alma e espíritos.

Piers Vitebsky faz um contraste entre a psicanálise freudiana e o uso de mediunidade entre os Sora na Índia, indicando como os dois trabalham com o desconhecido (neste caso, a morte) através do diálogo. Eu utilizo sua obra para, ao final, sugerir uma correspondência e uma gradação de capacidade dialógica entre cada uma dessas histórias. Eu sugiro que, ao incorporar mais elementos heterogêneos – corpo na primeira história; corpo e alma na segunda história; corpo, alma e espírito na terceira história, cada uma vai se tornando mais dialógica.

Eu não faço uso das entidades “alma” ou “espírito” a título de compensação cultural pela falta de riqueza ou poder, de razão e de hegemonia, como se vê frequentemente, mas para colocar em cena um dialogismo crescente entre as três histórias. Neste ensaio tenho como alvo fazer prevalecer uma interlocução com a história das ciências e das técnicas e a epistemologia, e não com um domínio mais específico da história ou da antropologia da nutrição.

## INSCRIÇÕES HISTORIOGRÁFICAS

Nesta sessão extraí frases tal qual aparecem em relatórios científicos, artigos de divulgação, entrevistas, manifestos, em jornais de grande circulação e na Internet, em suma, frases de material publicado ou do que pode-se chamar uma historiografia da multimistura. Faço uma analogia entre estas frases extraídas da historiografia e as inscrições obtidas em instrumentos de laboratório. A intenção é reforçar a noção de que, para quem faz história, sociologia ou antropologia, os textos historiográficos são comparáveis e podem ser tratados como os cientistas naturais tratam as “inscrições”<sup>[2]</sup> produzidas nos instrumentos de laboratório. Assim como na pesquisa em física ou em biologia as inscrições são o resultado do encontro de entidades naturais ainda sem forma<sup>[3]</sup> com os instrumentos de medida, os textos historiográficos resultam do encontro de uma história ainda sem forma com um instrumento, o historiador que a escreveu. Daí o título “inscrições historiográficas”. Na seqüência abaixo omiti as aspas por comodidade de leitura, e coloquei a fonte na nota de rodapé indicada ao final de cada frase.

Em meados da década de 1970 a pediatra Clara Brandão observou uma redução drástica de diarreia em crianças subnutridas em 13 creches em Santarém, no Pará, após experimentar, durante três dias, um suplemento alimentar obtido de farelos e folhas escuras e também outros ingredientes como sementes e pó de casca de ovo. Entrevistando a população local para ter mais conhecimento de suas tradições alimentares, ela passou a buscar na produção “alimentos alternativos” que tivessem alto valor nutritivo, embora não fossem mais costumeiramente consumidos pela população (Brandão e Brandão, 1996). A partir de então Clara Brandão começou a militar pela disseminação da utilização da multimistura, como veio a ser chamado o produto obtido destes alimentos alternativos (Beausset, 1992). Junto com seu marido, Doctor Rubens Brandão, também médico, fundou a Sociedade de Estudos e Aproveitamento dos Recursos da Amazônia (Seara), voltada para a busca de soluções para o problema da desnutrição na primeira infância (Brandão e Brandão, 1996).

[2] Uma inscrição é uma imagem bruta, um híbrido produzido na interface entre o mundo narrado dos textos e o mundo dos instrumentos de laboratório. Consultar Latour, 1989: 157.

[3] As entidades que habitam o mundo da ciência adquirem forma provisional no fechamento das controvérsias, não antes disso (Latour, 1989).

O movimento ganhou escala. Em 1983, Clara Brandão foi premiada no XXIII Congresso Brasileiro de Pediatria e o programa da Seara foi reconhecido pela Sociedade de Pediatria da Bahia e pela Sociedade Brasileira de Pediatria (Brandão *et al.*, 1983). Em 1984 um consultor designado pela Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) para avaliar o valor nutricional da multimistura apresentou um relatório favorável (Shrimpton, 1984). Em suas ações na área de assistência básica, a Pastoral da Criança da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) começou a divulgar e deu escala nacional à prática de utilização da multimistura.<sup>[4]</sup> Em 1989, a visibilidade da proposta da multimistura aumentou ainda mais com a transferência de Clara Brandão e seu marido, Doctor Rubens Brandão, para o Ministério da Saúde em Brasília (Vizeu *et al.*, 2005). Em 1990 o Conselho Federal de Nutricionistas (CFN) elaborou um parecer apontando diversos erros técnicos e conceituais em um folheto de autoria de Clara Brandão, afirmando que as informações ali contidas deveriam ser comprovadas por pesquisas científicas e solicitando ao ministro da Saúde que fosse “sustada a divulgação do folheto ‘Alimentação alternativa’ para as indispensáveis correções” (CFN, 1996).

Mas em 1992 o potencial de utilização da multimistura na recuperação e manutenção do estado nutricional de crianças e gestantes foi reconhecido pelo Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN), embora ressaltando a necessidade de avaliações mais criteriosas (INAN, 1995). Clara Brandão participou de um grupo de trabalho de profissionais, coordenado pelo presidente do INAN, criado em 1994, para examinar a questão da inclusão da multimistura nos programas do Ministério da Saúde. Em 1995 ela coordenou o Programa de Orientação Alimentar para a Saúde, implantado no INAN. Mas em 1994 os médicos Jaime Amaya-Farfán e Hilda Torin criaram o informe técnico (IT) deflagrando uma campanha desqualificando a multimistura, alertando para os perigos da utilização de uma dieta composta de elementos cuja eficiência era questionada pelos resultados das pesquisas por eles realizadas (Torin *et al.*, 1996).

Em julho de 2000 o Regulamento Técnico para Fixação de Identidade e Qualidade definiu a multimistura como o produto obtido através da

[4] A Pastoral da Criança, em 1985, iniciou o trabalho de “Alimentação Alternativa”. Já na introdução do livro *Alimentação Alternativa*, publicado em 1988, a Dra. Clara Takaki Brandão chamava atenção para as especificidades locais, que, segundo ela, são partes constituintes da Multimistura, ao afirmar que “somente através de uma combinação, a mais diversificada possível –a Multimistura– se conseguia aproveitar toda a potencialidade nutritiva dos alimentos” (Brandão, 1988).

secagem, torragem, moagem e mistura de ingredientes de origem vegetal, sendo obrigatória a presença de farelos torrados em quantidade mínima de 70% (g/100g) e pó de folhas verde-escuras, podendo ser adicionados leite em pó e outros ingredientes (Ministério de Saúde, 2000). Do começo da década de 1990 a 2002, e continuando até 2008, foram feitos muitos estudos por especialistas que, na sua maioria, afirmam que a multimistura não tem os efeitos benéficos, pelo menos não no grau anunciado, quando incorporada à dieta das crianças (Velho e Velho, 2002). Estes estudos concluem que, por comparação com outras crianças em grupos de controle que não recebiam a multimistura, e também, analisando seus ingredientes ou através de experiências com animais, a multimistura não detém as qualidades nutricionais, alimentares e até sanitárias que necessariamente estariam presentes em um composto alimentar capaz de ter os efeitos alegados por Clara Brandão (Boaventura *et al.*, 2003; Glória *et al.*, 2004). Mas em dezembro de 2002 a multimistura “destinada à Secretaria Estadual de Ação Social e Prefeituras Municipais, do Estado do Tocantins, em aquisição direta, para o programa de doação a pessoas carentes”,<sup>[5]</sup> fica isenta do pagamento do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços – ICMS. Em 2006, Zilda Arns Neuman, coordenadora da Pastoral da Criança, recebe “o Prêmio Opus (*Opus Prize* Foundation e a Universidade Católica de Notre Dame, de Indiana, EUA), que concede o valor de US\$ 1 milhão para pessoas ou organizações que unem empreendedorismo e fé nas suas ações e que são comprometidas com a transformação profunda de problemas sociais como injustiça, pobreza, fome, analfabetismo e doenças” (Agência Brasil, 2007).

A Pastoral da Criança deixa de liberar o uso de seu CNPJ para abertura de fábricas de multimistura tanto pelo resultado da pesquisa quanto pela necessidade do trabalho ser realizado pelos líderes na comunidade. “A farinha multimistura, assim como qualquer outro alimento, quando produzida para ser consumida em maior escala, fora de casa ou da comunidade, precisa seguir padrões exigidos pelas agências sanitárias.” Em outubro de 2006, Clara Brandão declara que “já me avisaram que agora eu estou clandestina dentro do governo” (Marques, 2007). Em junho de 2008, o programa AABB Comunidade da Fundação Banco do Brasil inaugura uma fábrica de multimistura em Bom Conselho, PE. Participam do programa AABB Comunidade 392 municípios, o que inclui mais de 50.000 crianças e jovens de 7 a 18 anos incompletos e quase 4.000 educadores (Barbosa, 2008). Clara Brandão

[5] Cláusula primeira do Conselho Nacional de Política Fazendária –(CONFAZ), na sua 108ª Reunião Ordinária, realizada em Natal, RN, no dia 13 de dezembro de 2002 (Governo do Brasil, 2002: 25).

declara que, no governo, a multimistura começou a ser excluída da merenda escolar para abrir espaço para o Mucilon, da Nestlé, e a farinha láctea, cujo mercado é dividido entre a Nestlé e a Procter & Gamble. “É uma política genocida substituir a multimistura pela comida industrializada”, ataca a pediatra (Marques, 2007). A coordenadora nacional da Pastoral da Criança, Zilda Arns, reconhece que a multimistura foi importante para diminuir os índices de desnutrição infantil: “A multimistura ajudou muito, mas só ela não é capaz de dizimar a anemia; também se deve dar importância ao aleitamento materno”. O Ministério da Saúde, em 2007, declara que “a multimistura, um composto de farelos e outros ingredientes, nunca foi adotada como estratégia nacional para o tratamento da desnutrição infantil. O Ministério da Saúde também não compra nem distribui alimentos à população. Assim, não têm fundamento as notícias de que a pasta teria substituído a multimistura por alimentos industrializados” (Ministério da Saúde, 2007).

## PRIMEIRA HISTÓRIA

Uma primeira história configura um quadro epistemológico dividido radicalmente. Na sua primeira fase, no Pará, de 1974 até o fim da década, a proposta de Clara Brandão foi “espontaneamente” aceita em creches e escolas pobres de um número cada vez maior de municípios brasileiros. Clara Brandão contou com o voluntariado da Legião Brasileira de Assistência. Depois, em 1983, a adoção também quase “espontânea” de sua proposta pela Pastoral da Criança levou a multimistura a milhares de comunidades. A partir daí, sendo ainda “espontaneamente” adotada pela Fundação Banco do Brasil, a proposição da multimistura chega em 1990 a ser considerada para inclusão em um programa de governo visando resolver o problema da desnutrição infantil no Brasil, espalhando-se também para outros países.

Ao atingir esta dimensão nacional ao final dos anos 1980, no entanto, os nutricionistas entram em cena contra a multimistura. Estes novos atores detêm o saber disciplinar moderno, científico, sobre os materiais quanto às suas características nutricionais e suas participações nos processos de nutrição dos organismos. Eles são os que são capazes de submeter a multimistura ao “teste de realidade” e têm início as controvérsias sobre a adoção da mistura. Para ter sua adoção legitimada pela ciência moderna, a multimistura precisa, em sua constituição físico-química, conter certos elementos (átomos e moléculas de nutrientes em condições de absorção) e não conter outros (anti-nutrientes). Grupos acadêmicos analisam a composição da multimistura e concluem que ela não pode ter os efeitos com que é

anunciada. Não tendo sido contestada substancialmente por outros cientistas em laboratórios, esta conclusão é um fato científico. A multimistura não passa no “teste de realidade”, e sua capacidade nutricional é ficção e não é fato. A partir daí, a capacidade de Clara Brandão de ganhar apoio cai drasticamente. Ela perde aliados e a multimistura não é mais viável como um programa de governo.

Nessa primeira história não há relativismo quanto às verdades estabelecidas nos laboratórios sobre as capacidades da multimistura. A “espontaneidade” inicial pode ser facilmente explicada como resultado da intervenção de Clara Brandão acompanhada de um ou mais atores “interessados”. Em oposição a eles, alinham-se grupos acadêmicos, tidos como atores “desinteressados” ou “interessados somente na descoberta da verdade” que trabalham tendo a Natureza como árbitro em seus laboratórios. Nesta história, Clara Brandão e os atores não cientistas “interessados” trabalham em um campo ignorante ou vazio de conhecimento científico sobre nutrição e aumentam suas escalas de influência enredando elementos subjetivos e emocionais, presentes na Sociedade (fatores sociais). Como evidência disto não bastaria a mobilização de sentimentos de solidariedade obtidos pelo uso de fotografias como a Figura 1.

Nessa primeira história, qualquer insistência no uso da multimistura em programas alimentares só pode ser entendida como credice, ato de irracionalidade, ignorância, resistência, fanatismo ou malícia, ou seja, erros ou fenômenos de um mundo social completamente separado das verdades purificadas estabelecidas nos laboratórios. Esta história assume plenamente e pratica sem problematizar uma assimetria entre o que é conhecimento científico e o que é tradição, cultura ou crença (popular). Para historiadores da ciência que fazem este tipo de história, pode haver espaços “sociais” desconhecidos, a serem estudados, mas não cabem relativismos no espaço da realidade que a ciência descobre. É pouco provável que eles se interessem por fazer uma história da multimistura porque, como pude perceber de suas falas, do ponto de vista da história da ciência e da tecnologia, a história da multimistura não seria muito interessante por ser demasiadamente simples – afinal é corriqueiro observar-se situações em que um equívoco ou mesmo uma fraude se desenvolve e atinge grandes dimensões. Em conclusão, provavelmente para eles, “é quando o sistema de crenças interfere com o sistema de provas, espalhando uma atmosfera de obscuridade” (Vieira, 2009: 18).<sup>[6]</sup>

[6] Esta frase, retirada de outro contexto, recorre à metáfora fundadora do Iluminismo para fazer uma defesa típica da tradição epistemológica que concede ao fato científico de uma espécie de transcendência. Nesta tradição o/a historiador/a das ciências e das



**Figura 1. Reportagem publicada pela Revista Veja em 30 de outubro de 1996**



Fonte: revista *Veja* (1996).

Nessa primeira história, qualquer insistência no uso da multimistura em programas alimentares só pode ser entendida como credice, ato de irracionalidade, ignorância, resistência, fanatismo ou malícia, ou seja, erros ou fenômenos de um mundo social completamente separado das verdades purificadas estabelecidas nos laboratórios. Esta história assume plenamente e pratica sem problematizar uma assimetria entre o que é conhecimento científico e o que é tradição, cultura ou crença (popular). Para historiadores da ciência que fazem este tipo de história, pode haver espaços “sociais” desconhecidos, a serem estudados, mas não cabem relativismos no espaço da realidade que a ciência descobre. É pouco provável que eles se interessem por fazer uma história da multimistura porque, como pude perceber de suas falas, do ponto de vista da história da ciência e da tecnologia, a

● ● ●

tecnologias não teria por imperativo metodológico buscar “fora da ciência” uma explicação para o fato cientificamente estabelecido de que “a multimistura não contém os nutrientes necessários para alimentar os corpos das crianças” uma vez que esta verdade científica afirmaria algo sobre o mundo ou sobre “a realidade” tal qual ela é. É como se ignorassem que toda verdade científica é uma verdade apoiada em um conjunto específico de “inscrições”. É como se o processo de purificação, escolhas e negociações que estabiliza um fato científico rompesse atingisse outro mundo, não humano. Um rompimento crucial com esta tradição epistemológica, talvez ainda dominante, deu-se com o Programa Forte de Sociologia da Ciência da Universidade de Edimburgo (ver Bloor, 1991). A esse rompimento seguiram-se outros. (ver Latour e Woolgar, 1979; Knorr-Cetina, 1981; Lynch, 1985; Trawick, 1988; Latour, 1989).

história da multimistura não seria muito interessante por ser demasiadamente simples – afinal é corriqueiro observar-se situações em que um equívoco ou mesmo uma fraude se desenvolve e atinge grandes dimensões. Em conclusão, provavelmente para eles, “é quando o sistema de crenças interfere com o sistema de provas, espalhando uma atmosfera de obscuridade” (Vieira, 2009: 18).<sup>[7]</sup>

## SEGUNDA HISTÓRIA

Uma segunda história abre espaço para relativismos ao fazer exigências de simetria. Ela ressalta inicialmente que Clara Brandão é médica e nutricionista. Ela é mais do que um “simples ator interessado”. Ela consultou a composição físico-química da mistura e verificou que sais e vitaminas estavam ali presentes, apoiando-se em análises consagradas que indicam, por exemplo, que a casca da abóbora é muito mais rica em nutrientes do que a polpa. Se ela parece não lograr justapor elementos suficientemente fortes para rebater os argumentos da presença de anti-nutrientes no campo da bioquímica nutricional, ela exhibe a paisagem de crianças e doentes que, ela reivindica, efetivamente tiveram seus pesos aumentados após a adoção da multimistura em sua alimentação. Clara Brandão e sua rede registram resultados obtidos na prática com os instrumentos de que dispõem: relatos dos participantes e paisagens das crianças. Os quadros I e II (ao final) são exemplos típicos desses registros.

A comunidade de nutricionistas denuncia a falta de rigor nos protocolos e argumenta que o tipo de acompanhamento que leva a resultados tais como os exemplificados nos Quadros I e II carecem de rigor científico. Em

[7] Esta frase, retirada de outro contexto, recorre à metáfora fundadora do Iluminismo para fazer uma defesa típica da tradição epistemológica que concede ao fato científico de uma espécie de transcendência. Nesta tradição o/a historiador/a das ciências e das tecnologias não teria por imperativo metodológico buscar “fora da ciência” uma explicação para o fato cientificamente estabelecido de que “a multimistura não contém os nutrientes necessários para alimentar os corpos das crianças” uma vez que esta verdade científica afirmaria algo sobre o mundo ou sobre “a realidade” tal qual ela é. É como se ignorassem que toda verdade científica é uma verdade apoiada em um conjunto específico de “inscrições”. É como se o processo de purificação, escolhas e negociações que estabiliza um fato científico rompesse e atingisse outro mundo, não humano. Um rompimento crucial com esta tradição epistemológica, talvez ainda dominante, deu-se com o Programa Forte de Sociologia da Ciência da Universidade de Edimburgo (ver Bloor, 1991). A esse rompimento seguiram-se outros (ver Latour e Woolgar, 1979; Knorr-Cetina, 1981; Lynch, 1985; Traweek, 1988; Latour, 1989).

**Figura 2. Pesagem mensal das crianças pelas voluntárias da Pastoral da Criança**



Fonte: Pastoral da Criança da Paraíba. Disponível em <<http://www.fazendatamandua.com.br/jt-nov04.htm>>. Acesso em julho de 2009.

sua grande maioria os estudos dos nutricionistas, levados a cabo com protocolos mais rigorosos, não confirmam os resultados anunciados por Clara Brandão. Por outro lado, no entanto, ela também denuncia imperfeições nos protocolos de pelo menos algumas experiências conduzidas por pesquisadores universitários da área de nutrição.<sup>[8]</sup>

Ao final das contas, a capacidade de Clara Brandão de problematizar e criar controvérsias no próprio conteúdo dos resultados das experiências conduzidas pelos cientistas nutricionistas é limitada. Ela simplesmente não dispõe nem conseguiu que lhe fossem disponibilizados os recursos *contra-laboratoriais* <sup>[9]</sup> para ter sucesso na criação de controvérsias conseqüentes que tornassem controversos, entre os próprios nutricionistas, os resultados obtidos em seus laboratórios.

Mas as controvérsias possíveis que Clara Brandão tem ou não tem recursos para abrir entre os nutricionistas não são o ponto mais relevante da segunda história. O que a segunda história traz de bem mais relevante é a exigência de simetria: se, por um lado, o problema da desnutrição, ou da fome, especialmente em crianças, tem alto potencial de mobilizar ações solidárias e Clara Brandão ousou, sim, passar bem além dos limites da zona purificada restrita e supostamente isolada do laboratório para aumentar a escala de circulação da sua proposição da multimistura, por outro lado, o estabelecimento de verdades científicas sobre a multimistura pelos grupos acadêmicos em torno às questões alimentares e nutricionais não é um processo puro e isolado, desprovido de interesses. A possibilidade de a multimistura ser adotada na merenda escolar em programa de âmbito nacional, envolvendo anualmente bilhões de reais,<sup>[10]</sup> coloca a multimistura em uma arena onde estão outros atores, já desde muito antes bem estabelecidos no mercado de alimentos no Brasil. Estes atores não deixam de ter relações com os grupos acadêmicos, relações muitas vezes muito incentivadas pelo governo através dos esquemas de financiamento à pesquisa. A Pastoral da Criança estabeleceu um convênio com grandes empresas no setor de alimentos na mesma ocasião em que abandonou o uso da multimistura e sua coordenadora, Zilda Arns, foi agraciada com um prêmio internacional de um milhão de dólares. Os grupos acadêmicos de nutricionistas profissionais

[8] “Não foi feito um acompanhamento individualizado de cada criança, e se a criança não comeu o feijão? E se ficou em casa?” —questionando o resultado de pesquisa que não confirmou as propriedades da multimistura (entrevista a Lucimeri Ricas Dias e ao autor, em Brasília, 9 de março de 2009).

[9] Para uma explicação sobre o *contra-laboratório* ver Latour (1998).

[10] US\$ 1,00 equivale a aproximadamente R\$ 1,70 (março de 2011).

envolvidos são em grande parte oriundos das regiões sul e sudeste do Brasil, regiões mais ricas onde o paradigma que faz a equivalência entre conhecimento científico e conhecimento confiável está mais sólida e amplamente instalado em oposição às chamadas crendices. Os nutricionistas, como grupo profissional, talvez tenham especial interesse em demarcar seus territórios, em possível conflito com o grupo profissional muito mais poderoso dos médicos.

A primeira história não exige uma explicação para a racionalidade e como consequência aceita o fato ou verdade científica purificada como uma espécie de absoluto universal. A segunda história traz diferenças. Nela, se é necessário justapor os fatores sociais tais como interesses, emoções, irracionalidade, ignorância, resistência, fanatismo ou malícia se se quer entender a propagação cientificamente inexplicável da multimistura (supostamente um “erro”), então será metodologicamente necessário que se justaponham os fatores sociais para se entender como se dá a vitória dos opositores da multimistura (supostamente um “acerto”). Se os supostos erros são pouco importantes diante dos supostos acertos na primeira história, já não é bem assim na segunda. Nesta última, metodologicamente, devem ser apresentadas explicações simétricas para os acertos e para os erros; tanto as verdades científicas quanto os equívocos ou fraudes devem ser entendidos e explicados nos mesmos termos, isto é, pela justaposição de elementos materiais heterogêneos. Na segunda história as verdades científicas não se sustentam por si sós ou por sua própria racionalidade (científica) e tampouco os chamados erros, descaminhos e ficções são desprovidos de sua própria racionalidade. A intensidade causal e a classificação de cada ator devem ser estabelecidas empiricamente para o caso em questão.

A segunda história é mais relativista e mais dialógica. Ao exigir que os acertos e os erros sejam explicados nos mesmos termos ela retira da verdade científica o seu privilégio epistemológico, pois enfraquece o caráter radical da diferença entre um conhecimento científico, “certo”, e uma crença popular, “errada”. Ao ressaltar a historicidade do fato científico ela o torna relativo.

Mas para o analista, antropólogo, sociólogo ou historiador da ciência e da tecnologia aderente à metafísica euro-americana, aparece aqui um limite para o relativismo. Este limite é fixado no fechamento das controvérsias científicas (Collins, 1992; Latour, 1998). Se entre os cientistas especializados do campo da nutrição não há controvérsia sobre as características alimentares da multimistura, então essas características são um fato científico estabilizado. Ponto. Não obstante toda a abertura proporcionada pelo utilíssimo e ainda hoje, pelo menos entre acadêmicos na América Latina,

muito influente livro *Ciência em Ação* (1987) de Bruno Latour, pode-se ler ali que:

Não podemos ser mais relativistas do que os cientistas [quando eles fecham uma caixa-preta] [...] e continuar negando a evidência quando ninguém mais está fazendo isto. Por quê? Porque o custo da controvérsia é alto demais para um cidadão comum, ainda que se trate de um historiador ou sociólogo da ciência (Latour, 1998:166).

Mas este limite do relativismo tem para Clara Brandão uma consequência de caráter estratégico: o conhecimento científico, este poderoso inimigo, capaz não só de descrever como de criar os objetos que descreve, capaz de criar e apresentar como universal e neutra a sua versão de realidade, só admite diálogo com um contra-laboratório. Ele impõe as armas do duelo. As exigências de simetria podem ser um aliado, mas não são por si sós suficientemente fortes para estabelecer novos fatos científicos. Clara Brandão teria que mobilizar recursos concentrados que fossem capazes de problematizar e provocar fissuras no conhecimento científico que se estabeleceu nos laboratórios sobre as propriedades nutricionais da multimistura, criando assim fortes controvérsias “propriamente científicas”. Para levar adiante a luta neste campo, Clara Brandão tem diante de si uma tarefa que poderá estar bem acima de suas possibilidades, ao menos aquelas de curto prazo.

Como se desloca este tipo de limite interposto ao relativismo na segunda história? Em outras palavras, como uma terceira história pode neste caso configurar uma linha de fuga do território delimitado pelo fechamento das controvérsias científicas? Ou ainda, como, para se ter outras opções de realidade em vez de considerar que todas as cartas estão na mesa, se ultrapassa os limites heurísticos da epistemologia moderna decorrente do que John Law chama de metafísica euro-americana?

A esse respeito são pelo menos duas mudanças a considerar. A primeira mudança, em parte presente na segunda história, é levar adiante o reconhecimento da performance ontológica do conhecimento científico moderno. Embora as ciências modernas se apresentem como descobrindo formas ou entidades que estão lá, dadas na Natureza, as últimas décadas dos *Science and Technology Studies* estabilizaram a noção de que as ciências não só descrevem como criam as entidades que descrevem. A física, a química, a biologia e até a economia (ciência econômica) afirmam através dos canais institucionais da divulgação científica que o que descrevem são *a verdade e a realidade*, são o mundo tal qual ele é. O reconhecimento das performances ontológicas dos conhecimentos científicos nos faz ver que a verdade e a realidade

dos conhecimentos científicos, independentemente da inegável eficácia que possam ter situadamente, não são a verdade e a realidade, mas sim *uma verdade e uma realidade* que se estabilizam como construções em uma determinada rede a partir de um número necessariamente restrito de inscrições. E, ao contrário de como aconteceria em uma “pesquisa desinteressada” na imaginada república das ciências de Robert King Merton, a estabilização de uma verdade ou realidade científica depende de intervenções dos cientistas e aliados, intervenções que são inseparavelmente técnicas, sociais e políticas. Então, as entidades, as verdades, os fatos, em suma, a realidade a que se referem as ciências não está lá, dada na Natureza, mas é resultado dessas intervenções. O reconhecimento dessa performance ontológica não é novidade, mas veio para o primeiro plano dos que estudam e fazem ciência somente nas últimas décadas. Thomas Kuhn escreve em 1969 no posfácio de seu famoso livro que, para ele, uma visão exata ou o mais próxima possível do que seja a Natureza não é mais do que um “ajuste entre as entidades com as quais a teoria povoa a natureza e o que ‘está realmente aí’” e completa: “a noção de um ajuste entre a ontologia de uma teoria e sua contrapartida ‘real’ na natureza parece-me ilusória por princípio.” (Kuhn, 1992 [1969]: 253). Mas o caminho para uma apreciação mais conseqüente da performance ontológica das ciências foi aberto cerca nas décadas seguintes pelos chamados estudos de laboratórios e das etnografias antropológicamente informadas de como são feitos os conhecimentos científicos. Foi a partir deles que uma produção interdisciplinar no campo dos *Science and Technology Studies* tornou robusta, tornou um fato a noção de que as ciências modernas, ou pelo menos as ciências modernas contemporâneas, não só descrevem mas cada vez mais criam os objetos que descrevem. Michael Fischer observa que embora o rótulo “construtivismo social” possa parecer “uma redescoberta tardia de uma prática antiga da análise social e cultural antropológica” (Fischer, 2009a: 74), a contribuição dos STS “tem sido profunda... na direção do reconhecimento de que o processo de descoberta consiste cada vez mais em um processo de produção ativa, de reconfiguração dos nossos mundos em novas formações” (Fischer, 2009b: 99).

A segunda mudança a considerar é o deslocamento a que se referiu, dentre outros, Jacques Derrida, como apontado acima. Se a realidade posta em cena pela ciência ocidental aderente à metafísica euro-americana é uma construção histórica imanente e não transcendente, então ela não é um absoluto e a percepção, que integra o senso comum ocidental e da qual muitos cientistas estão convictos, de que ela seja —a crença de que existe uma realidade da qual a ciência se aproxima assintoticamente—, é o resultado de uma produção ativa. Ou seja, a história da metafísica euro-americana e de seus

conceitos, a cultura européia, não precisa necessariamente ser tomada como a cultura de referência em todos os casos, e a realidade que ela põe em cena é uma versão de realidade. Emerge assim uma equivalência ontológica entre a cultura européia e outras culturas, em particular entre o conhecimento das ciências modernas e outros conhecimentos, leigos ou de outras culturas. Observe-se, no entanto, que da emergência desta equivalência não decorre, pelo menos imediatamente, uma igualdade da capacidade de criar e fazer valer suas versões de realidade. Esta capacidade será o resultado incerto e indeterminado, sempre situado, de contingências não só filosóficas mas também, e inseparavelmente, político, econômico, técnico, e assim por diante.

Thomas Kuhn mostra uma abertura na direção deste deslocamento ao apontar “as dificuldades crescentes (dos historiadores) para distinguir o componente científico das observações e crenças passadas daquilo que seus predecessores rotularam prontamente de ‘erro’ ou ‘superstição’”. Embora seus exemplos e sua referências históricas, geográficas e culturais sejam estritamente europeias (a dinâmica aristotélica, a química flogística, a termodinâmica calórica), ele conclui que “se essas crenças obsoletas devem ser chamadas de mitos, então os mitos podem ser produzidos pelos mesmos tipos de métodos e mantidos pelas mesmas razões que hoje conduzem ao conhecimento científico. Se, por outro lado, elas devem ser chamadas de ciências, então a ciência inclui conjuntos de crenças totalmente incompatíveis com as que mantemos hoje” (Kuhn, 1992 [1969]: 21).

Neste ponto, trago a contribuição da antropologia do desenvolvimento que sugere que a relação entre conhecimentos tais como propostos por aqueles que aderem a metafísicas diferentes, é mais de confronto do que de diálogo. A antropologia do desenvolvimento mostra que “tanto conhecimento quanto ignorância, em vez de descrever estados ou situações de sentido bem definido, são noções peculiarmente ideais e atemporais que algumas pessoas atribuem a outras em situações particulares, freqüentemente com conotações morais. Em outras palavras, os proponentes de um ‘sistema’ tentam eliminar outros conhecimentos, delineando-os e os que deles fazem uso não somente como errados, mas também como obscuros e do mal” (Hobart, 1993: 21).

### TERCEIRA HISTÓRIA

Clara Brandão sobrevive e pode vir a vencer porque outras ontologias entram em cena e definem outros territórios onde as armas dos cientistas nutricionistas, seus poderosos inimigos, não têm o mesmo efeito. A multimistura



não pode alimentar uma vez que não contém nutrientes, afirmam os nutricionistas, mas ela continua apesar disso a nutrir as crianças, dizem os leigos. Clara Brandão coleciona depoimentos de mães, parentes, amigos e voluntários participantes do programa multimistura que apresentam “evidências anedóticas”,<sup>[11]</sup> evidências que os cientistas, quando não as desqualificam completamente, as desconsideram, deixando-as, pelo menos temporariamente, de lado, sem explicação.

As evidências anedóticas colocam em cena uma tensão entre o conhecimento do especialista (científico) e conhecimento do leigo. Usualmente elas trazem condições específicas, locais. Por exemplo, as condições íntimas entre mãe e filha/o que não são e na verdade não podem ser levadas em conta em avaliações gerais baseadas em circunstâncias “típicas”. “O ponto chave aqui é que o conhecimento destas condições sociais particulares [das evidências anedóticas] precisa vir das pessoas mais intimamente envolvidas” (Moore e Stilgoe, 2009: 657).

As pessoas que aderem à prática da multimistura escolhem viver uma versão da realidade onde os efeitos das verdades laboratoriais não têm a força ontológica (mobilizadora ou desmobilizadora) comparável àquela que costumam ter em coletivos mais enquadrados pelos referenciais científicos. Relatos como os poucos exemplificados abaixo são corriqueiros entre os praticantes da multimistura – uma pequena fração deles pode ser encontrada na sessão “depoimentos” em <<http://www.multimistura.org.br>>.

Uma mistura simples e milagrosa que até hoje vem salvando vidas. A multimistura salvou Tiago da Silva, hoje com 21 anos. Subnutrido, ele nasceu com apenas 900 gramas em função da falta de cuidado durante a gestação da mãe, a dona de casa Maria Aparecida da Silva. O bebê ficou internado 28 dias em um hospital de Porecatu (Norte)... “Às vezes, as freiras

[11] Podemos relacionar a evidência anedótica à noção de anomalia de Thomas Kuhn. A evidência anedótica coloca em cena uma situação nova, sem explicação na prática da “ciência normal”. É possível, mas não garantido, que os elementos trazidos pela evidência anedótica desloquem um paradigma, provocando uma “revolução científica” nos termos de Kuhn, mas “até que tal ajustamento tenha sido completado – até que o cientista tenha aprendido a ver a natureza de um modo diferente – o novo fato não será considerado completamente científico” (Kuhn, 1992 [1969]: 78). “Na ciência... a novidade somente emerge com dificuldade (dificuldade que se manifesta através de uma resistência) contra um pano de fundo fornecido pelas expectativas” (Kuhn, 1992 [1969]: 90-91). Recentemente evidências anedóticas lograram mudar a atitude de cientistas no que diz respeito aos efeitos das ondas eletromagnéticas sobre pessoas, no caso dos telefones celulares, e não conseguiram fazer isto no caso da vacina tríplice viral (contra sarampo, caxumba e rubéola). Ver os detalhes destes casos em (Moore e Stilgoe, 2009).

nem deixavam ver, de tão mal que ele estava. Ele ficou entre a vida e a morte. Ninguém dizia que ele ia se recuperar”, relembra a mãe. As freiras a que dona Maria Aparecida se refere são Ana Maria e Madre Eugênia. A partir dos seis meses, o bebê teve a multimistura adicionada ao leite e à comida e aos poucos recuperou a saúde. “Se não fosse a ajuda de Deus e da Pastoral, meu filho não teria sobrevivido”, conta a mãe, orgulhosa de ter hoje um homem dentro de casa. “Quem olha para o Tiago hoje não imagina que ele quase morreu.” Tiago concluiu o colegial e trabalha no setor de caldeira da Usina de Porecatu. Casado e pai de uma menina de um ano e três meses, ele hoje faz questão de dar a multimistura para a filha, como complemento na alimentação: “Sei o quanto foi importante para mim”. Maria Aparecida, depois de ter o filho recuperado, começou a ajudar no trabalho da pastoral e hoje é líder de um setor: “Faço pelas outras crianças o que fizeram por ele na época em que eu precisei” (Dias, 2010: 69).

Outra jovem recuperada em Florestópolis é Edileusa Martins de Oliveira, 24 anos. Ela também foi internada com desnutrição logo que nasceu e, em estado mais grave, ficou até os três anos no Centro Nutricional. Hoje, na casa de Edileusa, que tem três filhos –João Lucas, de quatro anos, Bruna Stefane, de dois, e Bruno Ariel de seis meses–, não falta multimistura... São 25 anos de história e hoje, junto da nora, Márcia Michelim, que há 12 anos trabalha como apoiadora do projeto, ela passa de casa em casa, orientando as mães e acompanhando o desenvolvimento das crianças. “É um trabalho abençoado que a gente faz com muito amor” (*Folha de Londrina*, 12/09/2008).

Queremos comunicar ou melhor dizer toda nossa alegria em poder trabalhar na Pastoral da Criança e para expressar isto melhor é quando vemos um sorriso de uma criança, e uma das ações da pastoral que mais me chama a atenção é a cozinha alternativa que tivemos a oportunidade de apreender com a Dra. Clara Takaki Brandão em maio/87, e através da cozinha alternativa nossas líderes que participaram começaram a dar muito mais valor a produtos nacionais, tiveram oportunidade de conhecer o farelo de trigo, o valor nutritivo das folhas verdes e como melhorar a nutrição de toda uma família principalmente criança e gestantes através da multimistura. E o melhor de tudo quase todas que tiveram o treinamento começaram suas hortas caseiras e amar a terra é entender o quanto é bonita e sadia natureza. Depois do treinamento cada uma teve um compromisso de passar para outras líderes que na época não tiveram oportunidade de estar no treinamento e assim aconteceu, líderes passando para outras líderes e líderes passando para suas respectivas mães (digo mães que estão sendo assistidas por elas), e o resultado é imediato não só na nutrição

das crianças como na diminuição dos gastos domésticos (tendo por exemplo horta caseira a pessoa economiza e pode fazer a partilha com outras, assim uma valoriza o produto das outras). Mesmo que a mãe na sua dificuldade de introduzir na família algumas coisas que lhe eram estranhas como farelo de trigo (totalmente conhecido para nós como comida de animal porco) existem outras coisas como casca de banana, casca de ovo, pó da folha de mandioca. Nós da Região de São Miguel (SP) só temos que agradecer a Deus por nós ter colocado Dra. Clara em nosso caminho... Além de todas as coisas boas que falamos, as líderes nas suas confraternizações levam sempre bolo feito com farelo de trigo, farofa multimistura e outras pessoas que não fazem parte da pastoral da criança começam a se interessar e gostar, e dar valor pois saem satisfeitas e interessando-se a passar e adaptar. Tivemos recentemente a reportagem do Fantástico na qual a equipe de jornalistas no final da entrevista e gravações comeram junto conosco e não gastamos muito pois tinham 20 pessoas e só gastamos 500,00 (quinhentos cruzados) e sobrou comida para outras pessoas. O Jornal *O SÃO PAULO* da igreja veio até nós e lá também experimentaram a farofa e das economias que fazemos e como abolimos os produtos das multinacionais (DANONE, MUCILON, AVEIA, NESTON, FARINHA LACTEA, YAKULT), todos produtos que entravam na nossa casa como obrigação pois tínhamos na cabeça feita que criança só pode ser sadia comendo estas coisas que para trabalhador como nós é difícil a aquisição. Criança que está começando o desmame e mesmo aquela que já passou por estas fases que a mãe começa a utilizar cozinha alternativa há um crescimento muito grande parece milagre se tornam mais espertas e muito mais sadias. Nós da região sempre que podemos damos dicas no jornal *GRITA POVO* e para 88 cozinha alternativa entrará para todos os treinamentos que iremos realizar pois como já dissemos para nós foi um grande milagre esta descoberta.<sup>[12]</sup>

“Quando eles estão por lá, ficam realizados, vivem um sonho”, diz Edilene Oliveira Ferro ao referir-se à presença de meninas e meninos no programa. A alimentação sustentável é associada ao “Dia da Higiene”, quando todos tomam um banho reforçado e são levados a elevar a autoestima com corte de cabelos e unhas e, para as meninas, maquiagem, manicure e pedicure. Os participantes também acompanham o preparo das refeições, como ajudantes. É a hora de entender e aprender sobre alimentação saudável. É aqui que entra a mini-fábrica de multimistura que vai atender, além de Bom Conselho, todas as cidades pernambucanas onde

[12] Carta da Equipe de São Miguel Paulista dirigida ao Boletim Informativo Pastoral da Criança, a atenção de Irmã Maia Helena Arns, assinada por Cecília em 29/12/1987.

funciona o AABB Comunidade. “A mini-fábrica de multimistura é operada pelos educadores e pelas mães das crianças. A matéria-prima utilizada para fazer o complemento alimentar composto é adaptada para os produtos mais comuns na região e doados pelos próprios pais e por membros da comunidade”, explica o presidente do Conselho Estadual de AABBS (Cesabb), José Alexandre da Silva (<<http://www.fbb.org.br/portal/pages/publico/expandir.fbb?codConteudoLog=5938>>).

## A GUIA DE CONCLUSÃO

A seguir, proponho uma correspondência entre a primeira, a segunda e a terceira histórias que realça a importância de entender o conhecimento nas condições particulares do seu uso, uma questão que chama a atenção de antropólogos que estudam e discutem as maneiras pelas quais os conhecimentos locais são descartados por especialistas (aqui os nutricionistas) que muitas vezes fazem pouca idéia de que há maneiras alternativas bem trabalhadas de lidar com os problemas do mundo, ou seja, maneiras alternativas de agir e conhecer, ou “relações temporais de cosmopolitismo” (Fischer, 2009a). Assim busco apontar e problematizar as pretensões da ciência ocidental de prover e impor soluções para os problemas do mundo sempre necessária e suficientemente aderentes aos modos de existência ocidentais. Talvez isto se torne ainda mais relevante ou dramático quando se trata de problemas daqueles que não viveram tão suficientemente o processo educacional que, pela via da escolarização, naturaliza a visão e os valores ocidentais –caso de grande parte da população brasileira hoje. “Tanto conhecimento como ignorância... são noções peculiarmente ideais e atemporais que, em vez de descreverem situações sem ambigüidades, são atribuídas por algumas pessoas a outras em circunstâncias particulares, freqüentemente com conotações morais” (Hobart, 1993: 21).

Segundo o antropólogo Piers Vitebsky, o artigo “Luto e melancolia” de Freud apresenta “a teoria secular mais coerente e influente dos processos mentais da perda por morte no Ocidente industrializado” (Vitebsky, 1993: 102). É do trabalho de Piers Vitebsky que lanço mão para justapor categoricamente as três histórias.

A base do modelo e da prática (terapêutica) de Freud é a certeza que a pessoa que morreu cessou de existir em um sentido ontológico profundo. A pessoa morta não é mais nenhum ser subjetivo e qualquer tentativa continuada de interagir com o morto é, portanto, baseada em uma ilusão. Para uma pessoa desconsolada, pensar que ouviu a voz do morto, ou

imaginar sua presença, etc. pode ser parte do que Freud chama de “luto normal”. Mas o “teste de realidade” deve logo convencer o desconsolado que a pessoa morta não mais existe. É o reconhecimento do “veredicto da realidade” que inicia o processo de recuperação. Se este veredicto da realidade não é aceito implanta-se um estado patológico de melancolia que é um retiro em uma psicose alucinatória dominada pelo desejo na qual a existência da pessoa morta é psiquicamente (e erradamente) prolongada em excesso. O diálogo com o psicanalista precisa após algum tempo ajudar o paciente a reconhecer este erro.

Mas, ainda segundo Vitebsky, os Sora<sup>[13]</sup> vivem outra versão de realidade. Para eles os mortos continuam a existir plenamente embora tenham sido qualitativamente transformados. Onde Freud contrasta estados de mente normal e patológico na pessoa desolada, os Sora contrastam estados de mente benignos ou agressivos na pessoa morta e os localizam em várias partes distintas da paisagem. Os mortos residem nestes lugares conforme seus ânimos do momento e o vivo os encontra e se envolve com eles passando pela paisagem. Em certos aspectos ou ânimos, os mortos cuidam de seus descendentes e asseguram a continuidade da linhagem; em outros eles atacam seus descendentes e causam neles as mesmas doenças das quais morreram. O pajé provê um canal através do qual os vivos e os mortos estabelecem um diálogo. Estes diálogos acontecem em divinações, ritos de cura e funerais. Aqui os vivos e os mortos exploram os ânimos de cada um para modificá-los. Para ser curado o vivo convida os mortos que o atacam para um diálogo de modo a descobrir como os mortos se sentem sobre ele e porque eles o atacaram. O vivo então tenta persuadir os mortos para um estado de mente diferente, menos agressivo, enquanto os mortos, por sua vez, podem persuadir o vivo a mudar algo nele mesmo.

Vitebsky afirma que seria difícil –pelo menos para um antropólogo– descobrir uma meta-posição da qual poderia dizer, sem disfarce, que qualquer um destes dois entendimentos é um exemplo de ignorância. Na verdade, esta proposição parece desprovida de sentido. Como ele diz, a diferença aqui não é de fato observado, ou de evidência empírica, mas da explicação inferida:

[13] Os Sora são um povo “tribal” que vive historicamente à margem, entre os centros políticos que se deslocam na Índia Central. Eles se pensam como *advasi* (tribal), mas também como “Hindu”, em oposição consciente aos enclaves menores de Sora cristãos. Culturalmente os Sora nas planícies são semelhantes às castas em torno, mas nas montanhas eles retêm um caráter distinto (<<http://www.everyculture.com/South-Asia/Sora-Orientation.html>> em 09/01/2012).

Em suas metafísicas, os participantes de ambas as tradições parecem muito certos sobre o que eles sabem e até reforçam esta convicção através de procedimentos de verificação. Freud fala de “teste da realidade” que conduz ao “veredicto da realidade” que é que o morto “não mais existe”. Os Sora da mesma maneira têm meios de interrogar os mortos para se certificarem que eles são realmente quem eles dizem que são e não somente impostores que vieram para se regalar em um sacrifício grátis. Em ambos os casos, pode-se argumentar de fora destas crenças que elas estão erradas. O teste da realidade de Freud não testa realmente a realidade, mas sim testa proposições frente a uma noção preconcebida de realidade. Da mesma forma, toda a prática de diálogos com os mortos poderia plausivelmente [embora Vitebsky ache que superficialmente] ser interpretada na suposição que estes diálogos nada mais são do que um truque teatral (Vitebsky, 1993: 103-104).

Proponho uma correspondência entre a primeira, a segunda e a terceira histórias e respectivamente os três tipos de articulações entre as técnicas e as verdades nos “domínios de doença e saúde, corpo, mente e alma” que Vitebsky configura (Vitebsky, 1993: 112): a) Primeira história da multimistura: formas materialistas de psiquiatria: técnica com pouco ou nenhum diálogo, corpo radicalmente separado da mente (ou cérebro); b) Segunda história da multimistura: psicanálise freudiana: técnica medianamente dialógica, corpo relacionado com mente, conceito de mente sem espíritos; c) Terceira história da multimistura: pajelança dos Sora: técnica altamente dialógica, corpo relacionado com mente (ou alma), conceito de mente (ou alma) com espíritos.

Vitebsky observa que para entender a articulação que ele faz, e portanto a correspondência explicativa que eu proponho, “precisamos nos afastar bastante de qualquer teoria de valor de verdade do conhecimento (para não dizer nada de ignorância) em direção a noções de adequação, conhecimento apropriado e contexto” (Vitebsky, 1993: 104).

A versão de realidade da primeira história, que limita o corpo ao espaço ontológico habitado pelas entidades criadas e estabilizadas pela bioquímica no laboratório, corresponde, e isto em nada surpreende, às técnicas materialistas (biofísicas ou bioquímicas) da psiquiatria. A proposição da segunda história de entender e promover o sucesso e o fracasso da multimistura em termos de fatos científicos que se estabilizam ou não em espaços ontológicos que incluem o laboratório e a sociedade corresponde à ontologia da psicanálise freudiana que expande o ser dotando o corpo de uma mente (afetos ou alma sem espírito). Já a terceira história, que aceita pelo menos conviver

com a magia da multimistura, corresponde à pajelança dos Sora, um ritual que cria um espaço ontológico habitado por corpos e afetos ou almas com espírito, abrindo uma linha de fuga para escapar dos limites interpostos ao relativismo na segunda história quando ela se depara com o fechamento das controvérsias (ou enfrenta as caixas-pretas da ciência) no espaço heurístico da epistemologia posta em cena na metafísica que John Law denomina euro-americana.

Na terceira versão de realidade Clara Brandão não está *a priori* isolada e a multimistura convive com a ciência e pode até, modificando-se, em movimento invertido, domesticá-la:

O movimento de educação popular trouxe práticas alternativas ao modelo mercantil e biologista dominante, sobretudo a partir da década de 70 [...] a participação dos profissionais trouxe uma cultura de relação com as classes populares, que contribuiu para romper com a tradição autoritária e normatizadora da prática educativa (Frota *et al.*, 2007: 248).

No entanto, as evidências mais frequentes mostram que:

[...] vencer resistências dos cientistas profissionais e das instituições formais de pesquisa é difícil e demorado. Técnicas de preservação do solo conhecidas como cultivo mínimo, desenvolvidas e disseminadas por fazendeiros da região Sul do Brasil a partir de 1972, já eram adotadas em mais de 10 milhões de hectares em 1997, quando a Embrapa as validou como procedimento agrícola (Fioravanti, 2010: 26).

Ao afastarem-se parcialmente de um compromisso preconcebido com o valor normativo e prescritível de uma verdade científica do campo da bioquímica nutricional, mesmo que estabilizada como uma caixa-preta da ciência, na terceira versão de realidade as pessoas ensaiam práticas que transbordam o enquadramento (Callon, 1998) de um aparelho nutricional separável do restante do mundo. Desta maneira elas problematizam os fechamentos das controvérsias e procuram abrir (sem garantia de sucesso) linhas de fuga dos paradigmas científicos mais restritos e purificados dos processos nutricionais configurados nos laboratórios, onde as relações com o corpo são vistas a partir de modelos formais, em direção a concepções mais abrangentes de inclusão da vida e do corpo (por exemplo, encantamento, magia, auto-estima) para decidir suas práticas e maneiras de mobilizar a providência.

## Quadro I

<p style="text-align: center;"><b>ENCONTRO DE 26 DE NOVEMBRO DE 2006 – HUB</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Grupo Fraterno Estrela do Oriente – apoio aos portadores de hanseníase do DF</b></p> <p>DEPOIMENTO DOS ASSISTIDOS QUE CONSUMIRAM DURANTE UM MÊS A MULTI-MISTURA (UMA COLHER DE SOPA RASA POR DIA):</p> <p>1) Ana Rita Leitão. Sintomas anteriores: dores nas juntas, vertigens e intestino preso. Resultados: apresentou melhoras e emagreceu 3,5 kg (num total de 5 kg, considerando-se a perda de peso do mês de outubro).</p> <p>2) Anísia Ramos. Sintomas anteriores: dores e câimbras nas costelas, muita sede. Resultados: apresentou melhoras em todos os sintomas.</p> <p>3) Erisvalda Souza Macedo. Sintomas anteriores: insônia, dores nas juntas e dores nas pernas. Resultados: está dormindo melhor e emagreceu 4,5 kg (num total de 6 kg, considerando-se a perda de peso do mês de outubro), melhorou das dores.</p> <p>4) Francinaldo de Oliveira Claudino. Sintomas anteriores: dores nas pernas e gases. Resultados: melhorou das dores e o intestino está mais regulado.</p> <p>[seguem-se depoimentos análogos de mais 10 pessoas]</p> <p>14) Severino Fernandes da Silva. Sintomas anteriores: falta de apetite, insônia, e dormência nas pernas. Resultados: está comendo e dormindo melhor, a dormência diminuiu.</p>
---

## Quadro II

<p style="text-align: center;"><b>Acompanhamento do uso da multimistura junto às pessoas que freqüentam a Terapia Comunitária do Centro de Saúde N° 1 do Paranoá.</b></p> <p style="text-align: center;"><b>(quintas das 14:45 às 17h)</b></p> <p><b>23.08.2007</b></p> <p>- 1ª. Distribuição de 21 pacotes para 13 mulheres e 1 homem, envolvendo 73 pessoas (entregue 10 exemplares de receitas usando a multimistura).</p> <p><b>30.08.2007</b></p> <p>- Depoimentos de 6 pessoas (6 faltaram e 2 não trouxeram retorno).</p> <p>- Criança de 5 anos com baixo peso e depressão passou a se alimentar e passou de 17,4kg para 18,2 kg. Mãe diminuiu o consumo de doces. Avó passou a comer nas refeições; melhora na prisão de ventre.</p> <p>- 2 pessoas ainda não observaram alteração.</p>
--



- abriu apetite, está mais disposta.

- abriu apetite, nariz parou de correr e parou a tosse.

- menino está engordando.

Distribuição para 19 pessoas de 27 pacotes de multimistura, envolvendo 101 pessoas.

Computadas as duas distribuições, 129 pessoas foram envolvidas no consumo da multimistura.

#### **06.09.2007**

- Depoimentos de 11 pessoas (13 faltaram), (entregue 10 exemplares de receitas usando a multimistura, receita de doce de banana com a casca, bolo, pão e fermento).

- Diminuiu inchaço, mãe teve melhora nas dores na perna, melhorou alergia na pele da filha e outra filha (que tem depressão) não está mais chorosa.

- Filho que está desnutrido está se sentindo mais forte e menos sonolento.

- Menina de 6 meses que tinha coxa magrinha engordou.

- Vó comia pouco e tem diabetes melhorou apetite. Menino 13 anos com peso baixo engordou.

- Pessoa que tinha dificuldade de dormir está tendo sono.

- Está dormindo melhor e as filhas estão comendo melhor.

- intestino de todos está funcionando melhor.

- continua com apetite melhor e disposta.

- mais disposta, menos deprimida. Marido mais disposto.

- comendo bem, pele boa, passou dor na perna e diarreia após o almoço de criança de 7 anos.

- neto pequeno engordou 1 1/2kg e está dormindo melhor. A filha melhorou o estômago e regularizou o intestino.

Distribuição para 11 pessoas de 13 pacotes de multimistura, envolvendo 56 pessoas.

Computada as três distribuições, 156 pessoas foram envolvidas no consumo da multimistura.

[seguem-se depoimentos análogos de acompanhamento semanal até]

#### **08.11.2007**

- Depoimentos de 4 pessoas.

- Intestino antes 7/7d agora 4/4d. Sente menos fome.

- Está mais forte, engordando, abriu apetite. Meninas estão com apetite, ganhando peso, pele limpa.

- Dor de barriga, fraca das pernas e diarreia – tudo melhorou.

- Barriga diminuiu e filha melhorou manchas no rosto.

Neste último dia, compareceu uma mãe com o filho de 2 anos e 3 meses, pesando 6,3kg e com 71cm, com sonda devido a desnutrição. (Segundo o livro do Doctor De Lamare – para 2 anos e 6 meses, menino – peso mínimo 11,4kg e altura 86,5cm.) A mesma mãe tem outro filho de 4 anos com 10kg (Doctor De Lamare – peso mínimo 13,65kg). Ela levou os 9 pacotes de multimistura restantes para ela e os 2 filhos para 3 meses (em sua casa moram mais 7 pessoas).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agência Brasil (portal) (2007), “Dra. Zilda da Arns recebe prêmio de US\$ 1 milhão”, <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/04/23/materia.2007-04-23.9418914205/view>>. Acesso: set/2008.
- Barbosa, W. (2008), “Inauguração de fábrica de multimistura abre Semana AABB Comunidade em Bom Conselho, Site da Fundação Banco do Brasil”, <<http://www.fbb.org.br/portal/pages/publico/expandir.fbb?codConteudoLog=5938>>. Acesso: set/2008.
- Beausset, I. (1992), *Estudio de las bases científicas para el uso de alimentos alternativos en la nutrición humana*, Brasília, INAN/Unicef, mimeo.
- Bloor, D. (1991), *Knowledge and social imagery*, Chicago, University of Chicago Press.
- Boaventura, G.T. *et al.* (2000), “Avaliação da qualidade protéica de uma dieta estabelecida em Quissamá, Rio de Janeiro, adicionada ou não de Multimistura e de pó de folha de mandioca”, *Revista de Nutrição*, vol. 13, Nº 3, pp. 201-209.
- Brandão, C.T. e R. F. Brandão (1996), *Alimentação Alternativa*, Brasília, Fundação Banco do Brasil.
- Brandão, C. T. *et al.* (1983), *Programa de nutrição em Santarém – Pará*, Artigo apresentado no XXIII Congresso Brasileiro de Pediatria.
- Callon, M. (1998), *The laws of the markets*, Oxford; Malden, Blackwell.
- Collins, H. M. (1992), *Changing order: replication and induction in scientific practice*, Chicago, University of Chicago Press [en español: Collins, H. M. (2009), *Cambiar el orden. Replicación e inducción en la práctica científica*, Bernal, Editorial de la Universidad Nacional de Quilmes].
- Conselho Federal de Nutricionistas – CFN (1996), “CFN define posição sobre multimistura”, Brasília, Conselho Federal de Nutricionistas, <<http://www.cfn.org.br/novosite/conteudo.aspx?IDMenu=61>>. Acesso em set/2008.
- Derrida, J. (1978), *Writing and difference*, Chicago, Universidade de Chicago Press.
- Dias, L. R. (2010), *A “multimistura” entre conhecimento científico e conhecimento leigo*, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Informática, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Fioravanti, C. H. (2010), *Fungos, instituições, máquinas e pessoas em negociação: o percurso do fármaco P-MAPA*, Tese de Doutorado, Campinas, Instituto de Geociências-Unicamp.
- Fischer, M. M. J. (2009a), *Anthropological futures*, Durham, Duke University Press.

- (2009b), *Futuros antropológicos - Redefinindo a cultura na era tecnológica*, Rio de Janeiro, Jorde Zahar Editor.
- Folha de Londrina*, 12 de setembro de 2008.
- Frota, M. et al. (2007), “Educação Popular em Saúde no Cuidado à Criança Desnutrida”, *Texto Contexto Enfermagem*, vol. 16, Nº 2, pp. 246-253.
- Glória, E. C. S. et al. (2004), “Avaliação proteica de uma nova Multimistura com base no milho QPM BR 473”, *Revista de Nutrição*, vol. 17, Nº 3, pp. 379-385.
- Governo do Brasil (2002), Convênio ICMS 141, de 13 de dezembro de 2002, *Diário Oficial da União (DOU)*, 19 de dezembro de 2002.
- Hobart, M. (1993), *An Anthropological critique of development: the growth of ignorance*, Londres / Nova York, Routledge.
- Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição-INAN (1995), Carta Circular n.04/95-P/INAN-BSB, Brasília, INAN.
- Knorr-Cetina, K. (1981), *Manufacture of Knowledge: An Essay on the Constructivist and Contextual Nature of Science*, Oxford, Pergamon Press [em espanhol: Knorr-Cetina, K. (2005), *La fabricación del conocimiento: un ensayo sobre el carácter constructivista y contextual de la ciencia*, Bernal, Editorial de la Universidad Nacional de Quilmes].
- Kuhn, T.S. (1992 [1969]), *A estrutura das revoluções científicas*, São Paulo, Editora Perspectiva [em espanhol: Kuhn, T.S. (1971), *La estructura de las revoluciones científicas*, México, Fondo de Cultura Económica].
- Latour, B. (1989), *La science en action*, Paris, Gallimard [em espanhol: Latour, B. (1992), *Ciencia en acción: cómo seguir a los científicos e ingenieros a través de la sociedad*, Barcelona, Labor].
- (1998): *Ciência em Ação: Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*, São Paulo, UNESP.
- y S. Woolgar (1979), *Laboratory life. The Social Construction of Scientific Facts*, Londres y Beverly Hill, Sage [em espanhol: Latour, B. y S. Woolgar (1995), *La vida en el laboratorio: la construcción de los hechos científicos*, Madrid, Alianza Editorial].
- Law, J. (2004), *After method: mess in social science research*, Londres / Nova York, Routledge.
- Lynch, M. (1985), *Art and artifact in laboratory science: a study of shop work and shop talk in a research laboratory*, Londres / Boston, Routledge & Kegan Paul.
- Marques, H. (2007), “A vitória dos enlatados. Governo troca mistura nutricional consagrada há décadas por produtos industrializados”, *Istoé*. Disponível em: <[http://www.istoec.com.br/reportagens/2931\\_A+VITORIA+DOS+ENLATADOS](http://www.istoec.com.br/reportagens/2931_A+VITORIA+DOS+ENLATADOS)>. Acesso: set/2008.

- Ministério da Saúde – Brasil (2000), *Resolução nº 53/00. Regulamento Técnico para Fixação de Identidade e Qualidade de Misturas à Base de Farelo de Cereais*, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, Secretaria de Vigilância Sanitária, DOU, 19 de junho de 2000.
- (portal) (2007), Em 26 de outubro de 2007. Disponível em: <<http://www.saude.familia.rs.gov.br/v1/clipping/fullnews.php?id=390#topo>>. Acesso: set/2008.
- Moore, A. e J. Stilgoe (2009), “Experts and Anecdotes – The Role of ‘Anecdotal Evidence’ in Public Scientific Controversies”, *Science, Technology & Human Values*, vol. 34, Nº 5, pp. 654-677.
- Shrimpton, F. (1984), *Uma avaliação ex-post do programa de atenção primária em saúde sendo realizada em Santarém*, Pará, Sociedade de Estudos e Aproveitamento dos Recursos da Amazônia (Seara).
- Torin, H.R., *et al.* (1996), “Informe técnico: programas emergenciais de combate a fome e o uso de sub-produtos de alimentos”, *Revista de Ciências Médicas-PUCCAMP*, vol. 5, Nº 2, pp. 87-89.
- Traweek, S. (1988), *Beamtimes and lifetimes: the world of high energy physicists*, Cambridge, Harvard University Press.
- Velho L. e P. Velho (2002), “A controvérsia sobre o uso de alimentação ‘alternativa’ no combate à subnutrição no Brasil”, *História Ciências Saúde – Manguinhos*, vol. 9, Nº , pp. 125-157.
- Vieira, A. B. (2009), *A evolução do Darwinismo*, Rio de Janeiro, Vieira & Lent Casa Editorial Ltda.
- Vitebsky, P. (1993), “Is death the same everywhere? contexts of knowing and doubting”, em Hobart, M. (ed.), *An Anthropological Critique of Development*, Londres, Routledge, pp. 100-115.
- Vizeu, V. E. *et al.* (2005), “Determinação da composição mineral de diferentes formulações de Multimistura”, *Ciência e Tecnologia de Alimentos*, vol. 25, Nº 2, pp. 254-258.

## Fontes

- Carta da Equipe de São Miguel Paulista dirigida ao Boletim Informativo Pastoral da Criança, a atenção de Irmã Maia Helena Arns, assinada por Cecília em 29 de dezembro de 1987.
- Revista *Veja*, ed. 1486, 29, (44), 30 de outubro de 1996.

Artículo recibido el 13 de abril de 2012.  
Aceptado para su publicación el 3 de junio de 2012.